

Um Édipo velho: Édipo em Colono¹

Henrique Cairus*

"Agora que não sou mais nada, é que sou verdadeiramente um homem".
Sófocles, Édipo em Colono

Quando fui convidado para falar nesta jornada, minha amiga Rochelle, que trazia o convite ofereceu-me também a oportunidade de escolher o tema. Não tive dúvidas. Um professor de literatura grega, num evento sobre a velhice, não pode deixar de tratar de uma tragédia de um dramaturgo velho, falando sobre um personagem igualmente velho.

Para uma jornada regida pela égide da psicanálise, ainda melhor que sejam esses velhos Sófocles e Édipo.

Não vou falar-lhes do Édipo que tão bem conhecem, o Édipo Tirano. Gostaria de discorrer sobre o outro e mesmo Édipo, talvez um pouco menos estudado, o da tragédia *Édipo em Colono*.

Estamos em 401 a.C. Sófocles havia morrido depois de uma longa vida. Sua última tragédia, a peça grega maior em número de versos, não havia sido encenada. O tema era a velhice de Édipo

Uma tragédia escrita por um ancião sobre a velhice do maior dos heróis trágicos. O teatro está repleto. De todos os lugares da grande Hélade acorrem pessoas para assistir a herança trágica do poeta do herói solitário.

Sófocles já habita as lastimosas casas de Hades há cinco anos, mas seu neto, que também se chama Sófocles, está agindo como se fosse o próprio avô. E leva a peça à cena. Estamos em 401 a.C. O ano de 406 foi duro. Primeiro, foi-se Eurípides, autor de *Hipólito*; depois, Caronte levou-nos Sófocles. Agora, em 401, estamos em uma Atenas subjugada, já há quatro tristes anos, pelos espartanos de hábitos odientos.

¹ Texto apresentado na III Jornada de Psicanálise com Velhos e suas interseções, 2001, Rio de Janeiro, e publicado nos Anais do evento: Rio de Janeiro : Escola Brasileira de Psicanálise/Rebouças, 2001. v. 1. p. 88-93.

* Professor Adjunto de Língua e Literatura Grega da UFRJ. Doutor em Letras Clássicas (UFRJ).

Sófocles, o jovem, dá início à peça. A primeira palavra da tragédia é *téknon*, que em grego significa "rebento". Esta é também a primeira palavra de *Édipo Tirano*, *tékna*, "rebetos". O uso do termo une as duas peças de Édipo; o uso do plural prenuncia a solidão ainda mais aguda do herói.

Τέκνον τυφλοῦ γέροντος, Ἀντιγόνη. "Filha de um velho cego, Antígona". Eis o primeiro verso do prólogo. É o próprio Édipo quem chama a filha e se autodenomina "velho". Ele a chama para fazer uma pergunta: "a que região chegamos?" ou "a que homens pertence esta cidade?"

Eu vou responder antes da peça. A cidade era Colono, a cidade de Sófocles, uma cidade do Demos da Ática à qual o tragediógrafo voltou. Aliás, não voltou. Morreu antes, cumprindo assim o que nos ensina o fragmento de Alcmeon de Crotona: "morremos porque não conseguimos unir o fim ao começo".

Antígona ainda não sabe onde está, e isso a obriga a descrever o que vê, compondo assim um cenário verbal, e, informando o pai, faz-nos imaginar todo o esplendor de uma Colono da época de Teseu.

Antígona declara ao pai decepcionado: "Atenas eu conheço, mas este lugar, não". Édipo não sabe também onde está. Esse é o quadro que vai ser encontrado por um coloniata, que se apressa em advertir: ἔχεις γὰρ χῶρον οὐχ ἄγνόν πατεῖν (v.37), "não é permitido a ninguém que não seja puro pisar nesta região".

Estavam nos bosques das Eumênides, aquelas que portam a sentença da justiça. É isso que lhes explica o Estrangeiro.

A condição para a nova etapa da vida de Édipo é justamente esta: para cumprir o seu destino era necessário que ele estivesse purificado. Purificado das injustiças, moralmente purificado. É isso sobre isso que nos fala o bosque das Eumênides no início da peça. Ele resgata Édipo, ele nos atesta a ausência de um *miasma*, como diziam os gregos.

Édipo não se assusta ao ouvir o terrível nome das Eumênides. Ao contrário, alegra-se, pois, como ele mesmo diz, elas acolhem amavelmente os suplicantes.

Édipo sabe: esse é o lugar. Ele percebe "o sinal que marca o seu destino" (Ἐυφορᾶς ξύνθημ' ἐμῆς - v.47), e sabe que chegou ao lugar de sua *môira*.

Teseu reinava na Ática. Teseu o grande rei de Atenas. Atenas, a cidade onde a peça está sendo encenada. Teseu é o hipersímbolo de Atenas. É a esse grande rei mítico que Édipo promete que doravante vai defender Atenas da ameaça beócia.

Em outro plano, é também este o momento em que Polinices prepara a sua expedição contra Tebas. A mesma campanha que se transformara na tragédia esquiliana *Os sete contra Tebas*.

Édipo havia amaldiçoado seus filhos, predizendo o assassinato mútuo, e vai, mais uma vez, amaldiçoar Polinices. Polinices foi à Ática para implorar o apoio de seu pai, pois seu irmão não queria respeitar vez o rodízio de poder em Tebas. Creonte também vai a Colono. Vai levar Édipo para Tebas, para que este apoie Etéocles. O que procuram esses dois homens de poder? O que eles querem daquele velho? Que forças esperam encontrar nesse Édipo senil e cego? A força moral de um parricida e de alguém que casou com a própria mãe (especialmente na Grécia, onde a maior de todas as ofensas era a de "*metrokóites*": 'o que tem relações sexuais com a mãe')? O que querem esses dois? O que Édipo lhes recusa?

Deixo as perguntas, que são também um pouco o tema desta jornada e a razão de minha fala.

Volto ao lugar em que Édipo está. Volto à chegada de Édipo e à sua afirmação categórica: "daqui jamais sairei" (v.44).

Édipo, que antes nada sabia, que antes tudo procurava saber, agora é o detentor da certeza. O que tinha o poder sem saber, agora tem o saber sem poder. E é justamente porque isso é não é possível, é exatamente porque há a lei do *savoir-pouvoir*, é por isso mesmo que as duas tragédias de Édipo existem.

Estamos agora falando de uma questão cara à psicanálise. Estamos falando de novamente da pureza de Édipo. A pureza que une e amalgama o saber e o poder de Édipo.

É o saber que o redime. Ele sabe que não matou o pai, matou um agressor desconhecido (547-8); sabe que não casou com a mãe, aceitou apenas o prêmio por haver decifrado o enigma (540). Finalmente, Édipo conclui: "não serias capaz de

encontrar em mim mesmo erro (*hamartía*) infame algum; em nada errei no que tange ao que fiz a mim mesmo ou aos meus" (966-7). E explica por quê.

Édipo passa por dois momentos de *kátharsis*. Livra-se da culpa perante todos os homens, demonstrando seu saber-sobre-si-mesmo ao coro de velhos atenienses, a Teseu e mesmo aos tebanos, através de Creonte. Édipo coloca-se diante desse tribunal que ele mesmo forma, na sua maneira de ver o mundo, na maneira de Sófocles ver o mundo.

Mas toda essa passagem exigiu uma primeira *kátharsis*, a que o livrou de ser aquilo que os gregos chamam de *aitía*, a grande causa.

A força ou, para retomar a expressão, o poder de Édipo provém desses dois pilares: do saber e do saber-se. Ele já pode, então, maldizer Polinices e bendizer Atenas. Mas há um preço para alto para esse poder. Sófocles gosta de frisar isso: é preciso sofrer. O saber e o poder dependem dessa fonte: o sofrimento. Sem sofrimento não há saber, sem saber não há poder, sem poder não há relevância.

Édipo em Colono também é um canto de amor à cidade de Colono e uma declaração apaixonada a toda Ática.

A peça acaba como a vida, com a morte. Os versos 1211-1248, um canto coral, consistem em umas das mais belas linhas sobre a angústia da morte na velhice.

A última fala de Édipo começa com a palavra *didáxo*, "ensinarei". É um longo discurso dirigido a Teseu-Atenas. É o seu testamento. É o testamento de Édipo a Atenas.

As últimas palavras de Édipo a Teseu e a Atenas são: "Lembra-vos deste que agora morre e sereis sempre felizes" (μέμνησθέ μου θανόντος εὐτυχεῖς αἰεί - v.1555).

Mais do que ser lembrado, Édipo vai cumprir pela última vez uma predição oracular. Édipo foi enterrado em Atenas, na sofrida terra da tragédia e de seu trágico público.

Ao encerrar a tragédia, Sófocles parece fazer o coro explicar o próprio autor. Com palavras que encerram a peça, encerro a minha fala: "parem. chega de lamentos; pois tudo está completamente encerrado".